

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA

(Continuação)

- BOLICHE** — Termo usado no Rio Grande do Sul para nomear, na zona da campanha, uma pequena casa de negócio, onde geralmente se vende bebida; taverna, bodega. É vocábulo de origem castelhana, usado com o mesmo sentido em algumas repúblicas sul-americanas. (B. de S.).
- BOMBEIRO** — Termo usado no extremo sul do Brasil, designativo de espião ou explorador do campo ou da força inimiga. Segundo F. DE PAULA CIDADE, este vocábulo servia para designar um patrulheiro encarregado de trazer o inimigo sob as vistas e figura em uma das antigas tabelas de vencimentos (*Revis a do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — Ano X — 1930). (B. de S.).
- BOQUEIRÃO** — Termo que no nordeste do Brasil, nomeia a abertura ou garganta nas serras por onde passam rios. É o resultado da erosão dos águas. São muito citados nos livros de geografia nacional o boqueirão do Poti que rasga a serra de Ibiapaba, entre Ceará e Piauí, e o que é atravessado pelo rio Paraíba do Norte, na serra de Carnaió, à beira do qual fica a povoação de mesmo nome. Na zona de Ilhéus (Bahia) significa embocadura de um rio. No vale do Jequitinhonha (Bahia), segundo informação do Sr. ARNALDO VIANA, morador na região e estudioso do seu linguajar, boqueirão é empregado para designar terreno úmido, fértil, apropriado à cultura do cacauzeiro. No Maranhão segundo informe de ANTÔNIO LOPES, é braço de mar entre uma ilhota e costa esbarrancada. No Rio Grande do Sul, informa o general BORGES FORTES, é um grande vale entre duas linhas de cumiadas convergentes; a depressão entre duas coxilhas. (B. de S.).
- BORDA DO CAMPO** — O mesmo que beira-campo, limite do campo com a mata, lugar onde acaba a mata e principia o campo. (B. de S.).
- BOROCOTÓ** — Também brocotó, terreno desigual, escabroso, cheio de altos e baixos, BEAUREPAIRE-ROHAN informa que é usado na Bahia, em Pernambuco, no Piauí e Mato Grosso, e o deriva do tupi. RODOLFO GARCIA, seguindo a lição de M. SOARES, diz provir de *mboru*, contracto de pororu — transtornado, atormentado, revólto, que imerge e emerge, entra e sai e *cotog* — vacilante, vai-vem, que sacode e balança, mexe e remexe, levanta e abaixa, puxa e empurra. Na Bahia é freqüente ouvir-se — estrada cheia de brocotós, isto é de sulcos irregulares, de barrocas. O mesmo que minhocal no Amazonas (A. J. DE SAMPAIO — *A Flora do Rio Cumina* — Pág. 135). (B. de S.).
- BORRACHEIRO** — Assim se designam em Minas Gerais os indivíduos que vivem de extrair o leite da mangabeira (*Hancornia speciosa*) (MUELL. ARG.) que é como se sabe, uma das árvores produtoras de borracha no Brasil. Apelidam-nos também mangabeiros, que andam a mangabar, isto é, a tirar o precioso látex. Moram estes caboclos capiaus em ranchos ou retiros, construções tóscas, cobertas de palha de buriti, que também lhes servem de paredes, onde fazem as peles ou mantas de borracha que vão vender nos mercados. (ÁLVARO DA SILVEIRA. *Memórias Corográficas*. Vol. I entre págs. 305 e 310). (Vide mangabeiros). (B. de S.).
- BOTADA** — Assim se diz, na Bahia e em todo o nordeste do início da moagem da cana dos engenhos. Em Alagoas escreve ALFREDO BRANDÃO, em seu livro *Viçosa de Alagoas*, à pág. 222, “denomina-se botada do engenho (que se pronuncia butada) o início da moagem. A peja é o término dos trabalhos da safra. Diz-se — o engenho já botou, o engenho já pejou”. (B. de S.).
- BOTECO** — Também grafado buteco, regionalismo do nordeste baiano, designativo de venda, baiúca, bodega e, às vezes, de tóscas barracas volantes que se armam em torno dos barracões das feiras nos dias em que estas se realizam. Encontramo-lo empregado por DURVAL DE AGUIAR nas suas *Descrições Práticas da Província da Bahia*, às págs. 68, 87, etc. (B. de S.).
- BRECHÃO** — Trecho do curso de um rio apertado entre montanhas, correndo numa garganta. Termo usado em São Paulo e Paraná, em cuja raia ladeira se nomeia o brechão do Paranapanema. É alguma cousa semelhante ao que hoje a nomenclatura geral crisma de *cañion* e ao que, em outras partes do Brasil, se denomina apertado, boqueirão, fundão, grotão, rasgão. (B. de S.).
- BREJAL** — Brejo extenso, larga faixa de terra embejada, apaulada, empantada. “É geralmente um brejal, uma depressão, entre as grandes serras e chapadas centrais. Dos flancos dessas elevações dimanam numerosos ria-

chos, que se vêm reunir no fundo dessa espécie de cuba, onde se adunam para formar o rio". (RAIMUNDO LOPES, *O Torrão Maranhense*. Pág. 361). (B. de S.).

BREJÃO — O mesmo que Brejal. (B. de S.).

BREJO — Terreno baixo, plano ou pouco acidentado, situado entre colinas, fresco, irrigado, e de grande fertilidade. A cidade sertaneja do Brejo da Madre de Deus está situada em um vale ou brejo formado pelas serras do Prata, do Estrago e do Amaro, e daí a sua denominação. Consoantemente, existem no Estado, com a denominação de Brejo, Brejinho e Brejão várias situações, lugarejos, engenhos, riachos e colinas. (F. A. P. C.).

BREJO — Além da sua significação vernácula, informa RODOLFO GARCIA que, nos Estados do Nordeste, esta palavra designa terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, geralmente fértil, devido aos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. Há na Paraíba a chamada região do Brejo que se estende entre a região da caatinga e a zona dos Cariris: é uma faixa agrícola por excelência, que tem, segundo CORIOLANO DE MEDEIROS, 100 quilômetros de comprimento sobre 50 de largura e onde se acham situados terrenos de oito municípios do Estado. Distendido na chapada da Borborema, o Brejo é o empório do Estado pela fertilidade do seu solo e variedade dos produtos agrícolas: Dêle fazem parte as terras que os matutos denominam caatinga brejada e capoeira brejada. E' o "oásis de graça e de fartura para prover as crises que nos salteiam" escreveu JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA. Sabemos por informação local que, no município de Valença, do Estado da Bahia, chamam brejo às plantações de arroz, isto, provavelmente, porque procuram os lavradores as terras úmidas e frescas (de brejos) para a referida cultura. No Maranhão, segundo informe de ANTÔNIO LOPES, o nome brejo se estende a todo o lugar baixo onde há nascentes, olhos d'água, cacimbas, poças. (B. de S.).

BRISA DA POROROCA — Expressão que designa a corrente de ar que vem do mar produzido pelo deslocamento da massa atmosférica, em virtude do movimento das águas da pororoca. E' uma das primeiras conseqüências da passagem dos cavaleiros sucessivos que constituem o soberbo fenômeno dos rios amazônicos e do Maranhão (RAIMUNDO LOPES — *O Torrão Maranhense*. Pág. 24). (B. de S.).

BROCA — Também brocagem; termo usado no norte, maxime no nordeste, para designar a primeira operação do arroteamento do terreno, a fim de que se possa fazer a sementeira. E' o ato de roçar ou desembaraçar o terreno do mato fino e baixo e dos cipós que crescem entre as árvores maiores. A limpeza do terreno para a plantação, se o mato é denso e alto, compreende quatro operações: broca ou roçada, derrubada, queimada e coivara. (B. de S.).

BRONGO — Termo que, nas matas de Mundo Novo, município da Bahia, designa a grotta funda, cujas encostas têm a forma de funil. (B. de S.).

BRUAQUEIRO — Brasileirismo que significa aquêle que conduz gêneros alimentícios, das fazendas para os mercados das vilas ou povoações. Deriva de bruca, mala de couro que serve para conduzir objetos que devem estar ao abrigo das chuvas (BEAUREPAIRE-ROHAN). (B. de S.).

(Continua)